

AVALIAÇÃO X INSTRUMENTOS AVALIATIVOS: REFLEXÕES ACERCA DA AVALIAÇÃO ESCOLAR

Autor: Genário Ferreira de Sousa

Universidade Interamericana (Asunción, PY).

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade apresentar um estudo teórico a respeito das principais discussões e reflexões acerca da avaliação escolar tendo como contraponto os instrumentos avaliativos (muitas vezes entendidos como todo o processo avaliativo). Assim sendo, o presente artigo apresenta uma visão sistemática das muitas fundamentações teóricas de autores que discutem a avaliação escolar em suas diversas dimensões conceituais e situacionais. Uma das primeiras diferenciações que devem ser feitas é a de entender que avaliação e instrumentos avaliativos não são sinônimos, mas duas etapas distintas que se corroboram entre si. O artigo em questão possui natureza bibliográfica uma vez que se utilizou essencialmente de obras teóricas e científicas a fim compor o seu referencial teórico. Entre as principais constatações do trabalho estão: entendimento equivocado do que de fato é avaliação escolar;

Palavras-chaves: Avaliação Escolar, Instrumentos Avaliativos, Convergências, Divergências, Processos Avaliativos.

1. Introdução

A palavra avaliação tem sua origem no Latim +*valere* sua significação era atribuída ao reconhecimento do mérito, estudo, reconhecimento e valoração. Em virtude dessa multiplicidade de sentidos é que a palavra passou a ser adotada para incontáveis línguas no mundo todo. Tantas formas de pensar, teorizar, aplicar a avaliação fez deste termo uma fonte quase que inesgotável de estudo.

Muitas são as abordagens teóricas e conceituais que envolvem o processo de entendimento do que é (e para que serve) a avaliação. Em síntese, pode-se dizer que avaliar é a qualidade de atribuir valor ou juízo de valor, levando em consideração uma série de parâmetros pré-estabelecidos. No prisma educacional, avaliar é mensurar no alunado se os objetivos da aula e dos conteúdos trabalhados foram atingidos. Assim sendo, avaliar é antes de tudo um processo de socialização do conhecimento aprendido ou não de forma efetiva por parte do aluno.

Gonçalves e Larchert (2011) são enfáticos ao afirmar que o interesse pela temática é cada vez mais crescente e que nunca antes na história se falou tanto em avaliação como na contemporaneidade. No contexto educativo brasileiro a temática é obrigatória em todos os

cursos de formação de professores e cada vez mais se buscam nossos saberes, novas perspectivas e concepções avaliativas que venham a somar e aprimorar o processo de ensino e aprendizagem dentro e fora da sala de aula.

As discursões advindas com o século XXI fizeram prosperar a ideologia coletiva em detrimento da individualidade das ações do sujeito. Ou seja, o eixo-prioritário se estabelecer sobre a capacidade do sujeito de construir o conhecimento através das relações sociointeracionistas. Cada indivíduo passa a ser responsável pela sua própria construção do conhecimento, o foco por sua vez é ampliado e passa a ser coletivo. Esse processo vai influenciar diretamente a avaliação e as suas devidas implicações como será abordado mais adiante.

2. Metodologia

A metodologia do trabalho científico tem por função orientar a produção acadêmica e científica em todo o Brasil. Para isso a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) publica, periodicamente, regras e normas que passam a ser usadas enquanto parâmetros pré-estabelecidos. Na concepção teórica de Ruiz (2002) nenhum trabalho científico/acadêmico deve ser produzido sem que antes se defina o método ou abordagem científica. Afirma Ruiz a cerca do método: “é um conjunto de etapas e processos a serem vencidos ordenadamente na investigação dos fatos ou na procura da verdade”. Dessa forma, é indispensável ao pesquisador a adoção de todas as etapas que antecedem um trabalho científico no Brasil.

Andrade (1999) evidencia que a metodologia se traduz em técnicas e métodos que têm por finalidade a investigação de possibilidades, hipóteses. É de suma importância que a pesquisa (mesmo teórica) seja imparcial e planejada. De certo as pesquisas teóricas devem ser constituídas de forma a ter as melhores publicações e pesquisas como aportes para a constituição do referencial teórico.

O presente artigo tem como objetivo apresentar um estudo teórico a respeito das principais discussões e reflexões acerca da avaliação escolar tendo como contraponto os instrumentos avaliativos (muitas vezes entendidos como todo o processo avaliativo). Já no que se refere à fundamentação bibliográfica esta tem como objetivo o aprofundamento do assunto tratado. Para Gil (1999, p.65) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...] parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisa bibliográfica”.

3. Definindo a avaliação escolar

Muitos são os teóricos e estudiosos que vêm buscando definir o que é, de fato, a avaliação escolar. São muitos os pontos e contrapontos que envolvem a questão; no entanto há um consenso no sentido de compreender a avaliação como um processo de natureza subjetiva. Ou seja, não se trata de um processo no qual a formação de execução é apresentada como um manual injuntivo¹, mas como uma proposta de reflexão a cerca do que é de como deve ser executada.

Dalben (2002) explica que a avaliação não se restringi ao campo educacional uma vez que pode ser aplicada a praticamente todos os segmentos da sociedade. Isso se deve ao fato da avaliação julgar, valorar e/ou comparar um ou mais elemento específico. Outra importante característica que pode ser abstraído do processo avaliativo é a possibilidade de usar a avaliação como elemento motriz frente na tomada de decisões.

Um bom caminho para que os profissionais da educação entendam o que a avaliação escolar é ter como ponto de partida alguns questionamentos, a saber: o que avaliação? Quais são os tipos de avaliação? Quais as suas dimensões? Para que serve a avaliação? Estes são apenas alguns eixos-discursivos que podem (e devem) ser considerados como importantes na compreensão da avaliação escolar.

O fato é que ao se falar em avaliação se deve levar em consideração a complexidade do tema, como ratifica Freitas *et al*:

O tema avaliação é por si só complexo, pois quando em debate, logo o conecta a escola, provas, indicadores de desempenho e outros temas polêmicos que permeiam o universo educacional. Porém, o termo avaliação é algo que vai muito além do universo da educação sendo parte da própria condição humana. A avaliação pode ser tratada por diferentes dimensões, e pode ser usada em vários níveis do sistema educacional, de diversas formas e finalidades. (2014, p. 01).

Uma dos indicativos de que a avaliação é, até certo ponto complexa, é a constatação de alguns estudiosos que tornaram público o fato de que avaliar é um processo que envolve a condição humana. Por ser complexa, a avaliação pode ser utilizada em todos os níveis e modalidades de ensino, desde que efetuadas algumas modificações e adaptações. Caldeira (2000) conceitua:

A avaliação escolar é um meio e não um fim em si mesma; está delimitada por uma determinada teoria e por uma determinada prática pedagógica. Ela não ocorre num

¹ Ou seja, de normas, técnicas, regras, instruções.

vazio conceitual, mas está dimensionada por um modelo teórico de sociedade, de homem, de educação e, conseqüentemente, de ensino e de aprendizagem, expresso na teoria e na prática pedagógica. (p. 173).

Um dos entendimentos que devem aflorar do processo avaliativo é o de utilização da avaliação como um *meio* (de certa forma uma metodologia) e não um *fim* (ou seja, a etapa final do processo de valoração).

Sordi (2001) elucida que a avaliação deve espelhar um juízo de valor, frente a uma compreensão educativa ou social. Essencialmente a avaliação é impregnada significação subjetiva, ou seja, de um olhar estritamente intencional que sugere que ao avaliar o seu discente, o educador deve ter em vista quais os resultados que este deseja obter frente ao processo avaliativo.

O que se pretende com a avaliação escolar é desenvolver no corpo discente condições de aprimoramento das habilidades e competências tão essenciais ao processo de ensino e aprendizagem. O que se espera ao final deste processo é que cada aluno atinja o nível de maturidade correspondente a cada ano/série no qual o aluno está matriculado. Assim sendo, o aluno deve ser capaz de ler, entender e se posicionar criticamente usando a sua Língua Materna² como suporte linguístico.

3.1 Tipos de Avaliação

➤ Avaliação Diagnóstica

Trata-se de um processo avaliativo no qual o objetivo central é diagnosticar o quanto do conteúdo foi absorvido, ou fixado, pelos alunos. Através de pontos (o que foi aprendido) e contrapontos (o que o aluno não abstraiu) o professor tem o *feedback* de como o processo de ensino e aprendizagem foi vivenciado em sala de aula. Na sequência é apresentado o modelo de avaliação diagnóstica na concepção teórica de Bloom (1983):

² No caso a Língua Portuguesa.

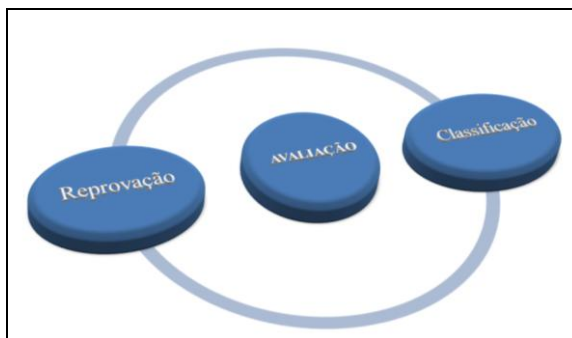


Imagem: Modelo Tradicional de Avaliação Segundo Bloom. **Fonte:** Adaptado de Bloom (1983).

O modelo tradicional apresentado ilustra muito bem a segmentação que compreende a Avaliação Diagnóstica. Nesse tipo de avaliação o aluno tem duas básicas direções: *classificação*, que é entendida pela correspondência mínima de um determinado *score* previamente estabelecido; *reprovação*, entendido como resultado da falha de alguma etapa do processo de ensino e aprendizagem.

No arcabouço da avaliação tradicional prevalece a ideia de segmentar o conhecimento e transformar a aprendizagem em um processo de abstração dos conteúdos vivenciados no ambiente escolar, ou seja, no processo de avaliação tradicional os assuntos trabalhados em sala de aula são medidos (através de instrumentos avaliativos) a fim de verificar se os conhecimentos foram ou não aprendidos pelos discentes. Elucidando o Modelo de Avaliação Tradicional, escreve Perrenoud (1999) escreve:

A avaliação é tradicionalmente associada, na escola, à criação de hierarquias de excelência. Os alunos são comparados e depois classificados em virtude de uma norma de excelência, definida em absoluto ou encarnada pelo professor e pelos melhores alunos.

Perrenoud explica que avaliação, na concepção tradicional, se apoia na hierarquização. Uma vez submetidos aos instrumentos avaliativos³ os alunos são classificados através do desempenho individual de cada um. Esse modelo de avaliação escolar já é bastante questionável uma vez que outros modelos de avaliação já estão à disposição dos docentes em todas as modalidades de ensino.

➤ Avaliação Formativa

³ Os instrumentos avaliativos, quando de sua elaboração e aplicação, devem considerar os objetivos gerais propostos e conteúdos básicos no Projeto Político Pedagógico e os específicos de cada componente curricular, observando a preponderância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. (BRASIL, 2018).

Neste modelo de avaliação a aprendizagem é medida dentro do ambiente escolar, na sala de aula. Em síntese, pode-se dizer que há predominância da informalidade das metodologias e técnicas de ensino e mensuração dos saberes. Não há um retorno direto (*feedback*) e imediato entre família e escola, mas um direcionamento mais institucional para o acompanhamento do percurso do aluno.

[...] a formativa – preocupa-se com o processo de apropriação dos saberes pelo aluno, os diferentes caminhos que percorre, mediados pela intervenção ativa do professor, a fim de promover a regulação das aprendizagens, revertendo a eventual rota do fracasso e reinserindo o aluno no processo educativo (CHUEIRI, 2008, p. 57-58).

A avaliação de natureza formativa se depara com a *não-linearidade* metodológica. Ou seja, não há uma ordem na execução das atividades de um determinado grupo/indivíduo, mas uma atenção individualizada a cada sujeito que integra o processo de aprendizagem. A prioridade de assimilação se dá essencialmente no processo de apropriação do saber e não na constatação final da aprendizagem, como ocorre no modelo diagnóstico.

A avaliação formativa ocorre dentro do processo educativo e traz consigo uma necessidade de apropriação por parte dos docentes dos constantes resultados (positivos e/ou negativos) dos alunos. A intervenção no processo ocorre de forma constante desde que observada à necessidade de adaptações pedagógicas.

➤ Avaliação Somativa

Neste modelo de avaliação o eixo-central são os instrumentos avaliativos (provas, trabalhos, seminários, pesquisas, entre outros). A sua aplicabilidade se dá durante todo o processo educacional, sendo gerado ao término de um determinado tempo um *score* que indicará quais alunos estão aptos e quais estão inaptos para o prosseguimento dos estudos escolares.

No arcabouço dos conteúdos avaliados estão todos os conteúdos programáticos desenvolvidos ao longo de um determinado período letivo. O objetivo central dos instrumentos avaliativos é perceber qual o grau de aproveitamento dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

MODALIDADE	FUNÇÃO	PROPÓSITO	ÉPOCA
Diagnóstica	Diagnosticar	Verificar a presença ou ausência de pré-requisitos para novas aprendizagens. Detectar dificuldades específicas de aprendizagem, tentando identificar suas causas.	Início do ano, semestre letivo ou unidade de ensino.
Formativa	Controlar	Constatar se os objetivos estabelecidos foram alcançados pelos alunos. Fornecer dados para aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem.	Durante o ano letivo, isto é, ao longo do processo de ensino-aprendizagem.
Somativa	Classificar	Classificar os resultados de aprendizagem alcançados pelos alunos, de acordo com os níveis de aproveitamento estabelecidos.	Ao final de um ano ou semestre letivo, ou ao final de unidade de ensino.

Imagem: Quadro-síntese das Modalidades e Funções da Avaliação Escolar. **Fonte:** Haydt (1997)

O quadro-síntese apresenta um breve panorama dos principais entendimentos que envolvem os principais tipos de avaliações. A Avaliação Diagnóstica tem a função, como o próprio nome sugere diagnosticar a assimilação (ou não) os conteúdos trabalhos em sala de aula, entre as características desse método avaliativo está ainda a tentativa de identificação das dificuldades prejudicam a socialização do conhecimento; a Avaliação Formativa por sua vez tem a pretensão de verificar se os objetivos foram alcançados por parte dos discentes sua recorrência se dá essencialmente durante o processo de aprendizagem e é acompanhado de perto pelo corpo docente de cada instituição. Por fim, a Avaliação Somativa parte do pressuposto de haver uma necessidade de ordenação dos alunos tendo como parâmetro as notas (*score*) de cada aluno.

➤ Autoavaliação

Uma forma complementar de avaliação é reconhecer no próprio aluno o poder de “autoavaliação”. Merino *et al* (2006) explica que ao se auto avaliar o discente tem a oportunidade de desenvolver com eficiência a sua capacidade crítica, fazendo com que o próprio sujeito estabeleça as devidas análises como por exemplo apreensão dos conteúdos, crescimento pessoal, grau de evolução e dificuldades.

A autoavaliação não deve ser entendida como um mero processo de constatação ou não da aprendizagem. Pelo contrário, este tipo de avaliação deve ser levado a sério e aplicado,

quando compatível com a metodologia, técnica e proposta pedagógica da instituição de ensino.

Ao se expressar e reconhecer em sua maturidade o aluno tem a oportunidade de contribuir diretamente para sua própria aprendizagem. No entanto, o processo de autoavaliação não deve ser executado de quaisquer formas; mas com supervisão do corpo docente que disponibilizará um roteiro de avaliação, no qual serão apontadas, entre outras coisas, as habilidades, aptidões e nível de aprendizagem.

3.2 Avaliação Escolar X Instrumentos Avaliativos

Um dos principais entraves que se tem quando o assunto é avaliação escolar diz respeito às constantes problematizações que envolvem o entendimento do que é avaliação em detrimento do que vem a ser um instrumento avaliativo. Lamentavelmente, são muitos os docentes que reduzem a avaliação escolar a instrumentos avaliativos, quase sempre a *prova*.

A escola quase que unanimemente opta pela avaliação (comumente chamada de prova), no entanto, apesar de ser um excelente instrumento avaliativo, a prova não pode e não deve ser usado como forma de hierarquizar o conhecimento, ou seja, como meio de supremacia entre professor e aluno.

Para a escola, a prova é uma forma de manter a ordem, o respeito, a disciplina e a autoridade, de obrigar os alunos a estudarem, como também é uma alternativa de assegurar que informações necessárias estão sendo apropriadas e demonstradas pelos educandos. Para os alunos a prova é, visivelmente, a maneira de ver como está sua condição de promoção ou reprovação, bem como de identificar suas facilidades e dificuldades de aprendizagem. (MORAES, 2011, p. 236).

O autor supracitado enfático ao afirmar que muitas vezes a prova é usada como forma de domínio e instrumento disciplinador. Neste tipo de instrumento avaliativo muitos docentes veem a oportunidade de obrigar os seus alunos a estudar. O fato é que muitas vezes as avaliações são aplicadas (ou replicadas) sem que haja uma supervisão⁴ pedagógica. Os instrumentos avaliativos são diversos, em síntese, pode-se dizer que:

Ao lado dos aspectos que envolvem a escolha do instrumento de avaliação, professor dispõe ainda, de um número significativo de instrumentos. [...] os instrumentos mais comuns no uso diário do professor e que propiciam maior possibilidade de aplicação na prática diária. São [...] a prova, a observação, o

⁴ Papel do coordenador pedagógico da unidade escolar.

portfólio, o relatório, conselhos de classe e o mapa conceitual. (RAMPAZZO, 2011, p. 07).

A prova, o trabalho, o simulado, a apresentação individual/coletiva, relatório, recorte, portfólio, entrevistas, jogral, estudo dirigido são apenas alguns dos muitos exemplos que estão a disposição do professor como proposta de subsídio para a constatação da aprendizagem em suas diversas dimensões.

É imprescindível que o professor compreenda e/ou aplicar um instrumento avaliativo está muito além de aplicar uma prova com perguntas abertas e/ou fechadas. Cada tipo de avaliação possui as suas peculiaridades, limitações e efetividades.

Moraes (2011) explica que a prova, por exemplo, deve ter a função de contribuir com o trabalho pedagógico do professor. No entanto a avaliação não deve ser elaborada de qualquer jeito; pelo contrário, esta deve ter informações claras, precisas, deve prezar pela socialização do conhecimento, a apropriação dos saberes e o desenvolvimento do aluno, em todas as suas dimensões: “Desse modo, precisa minimizar o valor dos dados quantitativos para deter-se sobre as informações qualitativas, prestando-se como um instrumento útil [...]”.

Uma das etapas que antecedem a escolha de um determinado instrumento avaliativo é estabelecer um perfil individual de cada aluno envolvido no processo de ensino e aprendizagem. Depois, agrupar os saberes com base no grau de sapiência de cada aluno e posteriormente e/ou escolher um instrumento que venha a valorizar a diversidade dos alunos (Ou mesmo das turmas). Rampazzo (2011) corrobora:

Para escolher o instrumento de avaliação, é necessário conhecer as possibilidades, aplicação e limitações dos instrumentos. Os instrumentos de avaliação possibilitam o acompanhamento da aprendizagem do aluno, visto que expressam o que o aluno aprendeu, deixou de aprender ou ainda precisa aprender. Os instrumentos apresentam registros de diferentes naturezas: expresso pelo próprio aluno (provas, cadernos, textos e outros) ou expresso pelo professor (pareceres, registro de observação, fichas e outros).

O autor em questão chama a atenção para a necessidade do docente conhecer o seu público-alvo e esclarece que através do instrumento avaliativo o professor tem a possibilidade de conhecer o seu aluno e de acompanhar o processo evolutivo da aprendizagem. Vale apenas ressaltar neste artigo científico que diversos autores lembram que método de ensino não é instrumento de avaliação. Ou seja, dentro de um método de ensino o profissional da educação tem a possibilidade de aplicação de diferentes tipos de avaliação.

Portanto, é preciso que o docente conheça os diversos métodos avaliativos (entre os quais os apresentados na seção anterior) para que este possa aplicar o instrumento avaliativo que melhor avalie o aluno e efetive o processo de aprendizagem.

4. Conclusão

Ao longo de todas as abordagens teóricas debatidas neste estudo foi possível chegar a alguns esclarecimentos que diferenciam a avaliação escolar, enquanto processo, dos instrumentos avaliativos. É importante ressaltar que a avaliação é a parte maior do processo e dentro desta perspectiva o professor deve eleger sua abordagem avaliativa (se diagnóstica, formativa, ou mesmo Somativa) em seguida, este profissional deve selecionar os melhores instrumentos avaliativos que contatem a eficiência do processo educacional e as possíveis efetivações dos conteúdos socializados.

Lamentavelmente quando se fala em avaliação muitos docentes ainda entendem a avaliação como sendo reduzida a instrumentos avaliativos. Tal confusão se deve ao fato do tema ser bastante complexo e por este ser permeado de muitas dimensões. A avaliação escolar deve ser entendido como um meio mensurar a aprendizagem e não como um fim que visa quantificar os conhecimentos absorvidos pelos alunos.

A prova, principal instrumento avaliativo, foi constatada como sendo o meio mais usual de se avaliar o aluno. Para isso, o docente deve saber eleger os seus instrumentos tendo em vista a multiplicidade dos mesmos; não perdendo de vista as limitações e o perfil de cada sujeito que integra o processo de ensino-aprendizagem.

Referências

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico:** Elaboração de Trabalhos na Graduação. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

BLOOM, B. S.; HASTINGS, J. T.; MADAUS, G. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar.** São Paulo: Pioneira, 1983. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais).

CALDEIRA, Anna M. Salgueiro. **Ressignificando a avaliação escolar.** In: _____. Comissão Permanente de Avaliação Institucional: UFMG-PAIUB. Belo Horizonte: PROGRAD/UFMG, 2000. p. 122-129 (Cadernos de Avaliação, 3).

CHUEIRI, Mary Stela Ferreira. **Concepções sobre a Avaliação escolar. Estudos em avaliação educacional**, v. 19, n. 39, jan./abr. 2008.

DALBEN, Â. I. L. de F. **Das avaliações exigidas às avaliações necessárias**. In: VILLAS BOAS, B. M. de F. (Org.). **Avaliação: políticas e práticas**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2002, p. 13-43.

FREITAS, Sirley Leite; COSTA, Michele Noé da; MIRANDA, Flaviane Assis de. **Avaliação Educacional: formas de uso na prática pedagógica**. Meta: Avaliação | Rio de Janeiro, v. 6, n. 16, p. 85-98, jan./abr. 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1997.

GONÇALVES, Alba Lúcia; LARCHERT, Jeanes Martins. **Avaliação da aprendizagem: Pedagogia, módulo 4, volume 6 – EAD / Elaboração de conteúdo** : Alba Lúcia Gonçalves, Jeanes Martins Larchert. – Ilhéus, BA : EDITUS, 2011

HAYDT, R. C. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997

MERINO, Maria de Fátima Garcia Lopes; HIGARASHI, Ieda Harumi; CARVALHO, Maria Dalva de Barros; PELLOSO, Sandra Marisa. **Instrumentos e técnicas avaliativas de estudantes de enfermagem**. Ciência, Cuidado e Saúde, Maringá, v. 5, n. 2, p. 147-157, 2006.

MORAES, Dirce Aparecida Foletto de. **Prova: instrumento avaliativo a serviço da regulação do ensino e da aprendizagem**. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 22, n. 49, p. 233-258, maio/ago. 2011.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

RAMPAZZO, Sandra Regina dos Reis. **Instrumentos de avaliação: reflexões e possibilidades de uso no processo de ensino e aprendizagem**. O professor PDE e os desafios da escola pública paraense. Produção didático-pedagógica. Volume 02. Londrina. 2011.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia da Pesquisa: guia para eficiência nos estudos**. Cap. 1 e 2. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SORDI, Mara Regina L. de. **Alternativas propositivas no campo da avaliação: por que não?** In: CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia (orgs.). **Temas e textos em metodologia do Ensino Superior**. Campinas, SP: Papirus, 2001.